

TEATRO EM NANCY

Identificada com a realidade do país, essa foi uma das razões que levaram o grupo de teatro universitário TUCA a escolher em 1965 o texto de João Cabral de Melo Neto para a peça “Morte e vida Severina”, espetáculo que mobilizou estudantes e docentes de diversas disciplinas da PUC paulista. Após o sucesso inicial, “Morte e vida Severina” foi inscrita no 4º Festival Mundial de Teatro Universitário, em Nancy, na França. O dinheiro era escasso. Para viabilizar a viagem, artistas faziam shows após a encenação da peça. Levantado o dinheiro, o espetáculo vai à França e sagra-se o vencedor do festival.

Tudo isso está no Wikipédia ou no artigo “Morte e Vida Severina na Ditadura Militar: o anarquista Roberto Freire e o teatro como resistência”, da historiadora Carla Fernanda da Silva, que conta como em 1965, Roberto Freire (o psiquiatra e escritor, nada a ver com o ministro golpista e pigmeu intelectual que empregou seu cupincha, o projeto de Villa francano) foi convidado pelo diretório de estudantes da PUC paulista para compor o grupo que fundou o teatro TUCA (Teatro da Universidade Católica). “Morte e Vida Severina” foi a primeira peça encenada, musicada pelo então jovem Chico Buarque de Holanda, que estudava arquitetura na FAUUSP. O grupo pretendia discutir a miséria do povo brasileiro oprimido pela Ditadura Militar, por meio da miséria do sertão nordestino exaltada no poema. A peça foi um enorme sucesso em sua estreia e demais apresentações. Logo em seguida, selecionada para o Festival de Teatro Universitário de Nancy (França), foi premiada como melhor peça, aumentando seu prestígio no Brasil e o resto é história. O TUCA, até hoje, tem um papel importante para a cultura e a memória do país nas lutas pela democracia.

Lembro que os universitários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca - FFCL, à época, certamente influenciados pelo sucesso do TUCA, remontaram a peça com sucesso na AEC em 1967. E, no ano seguinte, se animaram a tentar percorrer o mesmo caminho do TUCA. A peça “A Reforma” foi um sucesso, lembro-me de tê-la visto na AEC, assim como “Morte e Vida Severina”. Os estudantes francanos começaram a vislumbrar a possibilidade de ir também a Nancy. Lembro que o Totonho Mazzotta, então estudante da FFCL, era um dos personagens da peça, assim como o Lana. No entanto, para chegar a Nancy, era necessário ultrapassar uma etapa eliminatória no Brasil e a peça dos francanos perdeu para um grupo de São Carlos. Logo veio o AI-5, a censura e acabou o teatro universitário local, que não mais se reergueu.

Franca não foi a Nancy, não conseguimos colocar cedilha na Franca. Com o passar dos anos, a FFCL foi se isolando da vida local e sua sucessora, a UNESP, aprofundou esse fosso ainda mais, até que foi transferida para um campus distante do centro e tornou-se um “castelo” que pouca gente sabe o que acontece lá. Salvo a atuação de alguns professores e estudantes - as exceções de praxe - o campus local tem pouca ligação com as lutas sociais da cidade, é uma isolada “torre de marfim” com escassa intervenção na realidade da cidade que a abriga.

Mauro Ferreira é arquiteto